

ARTE+DESIGN: cultura formativa em contexto acadêmico

Bartolomeu Paiva

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra

Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da FA-U Lisboa

Mónica Oliveira

Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Universidade Católica Portuguesa / Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade da UP

Sílvia Espada

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra

dobra

A contemporaneidade vem sendo marcada pela emergência reiterada de novas e alternativas formas de conhecimento e pelo conseqüente desafio colocado às instituições de ensino superior na formação de novas gerações de profissionais sob o efeito de um pulsar social, político e cultural, tendente a mudanças que devem tornar a escola numa ecologia criativa e aberta a novas formas de interpretação do mundo. As exigências que estas perspectivas prenunciam impõem lógicas e estratégias curriculares capazes de estabelecer relações consistentes entre o desenvolvimento de competências gerais e o papel que uma visão cultural e integradora da formação deve promover, conciliando ciência, arte e tecnologia.

Fundado nos pressupostos que subjazem a estes entendimentos, o curso de Arte e Design da Escola Superior de Educação de Coimbra realiza anualmente um evento de natureza formativa para o qual convida artistas e designers que se têm notabilizado e que, partilhando as suas experiências, o convertem num momento pedagógico muito significativo para a comunidade académica, momento cuja matriz queremos destacar aqui enquanto contributo para o tempo da formação em mudança.

Contemporaneidade: novas lógicas de formação

O mundo globalizado e a proliferação de novas lógicas de vida em sociedade instalaram uma crise que reivindica e legitima a reinvenção de novas formas de (re)continuar o desígnio fundador da formação e da educação, o qual não poderá prescindir dos contributos da arte e da técnica enquanto áreas de primordial importância na literacia cívica, crítica e criativa dos cidadãos – princípio que, co-

mo sublinha Patrocínio (2002), consubstancia a associação entre arte, tecnologia e ciência geradora de uma civilização “tecnológica” receptiva a novas éticas e a novas estéticas, essenciais à formação e desenvolvimento das sociedades contemporâneas. É uma convicção que, remetendo para dimensões fundamentais da vida em sociedade, reivindica uma escola conceptualmente mais culta e aberta ao estabelecimento de parcerias activas que promovam a difusão e a aquisição de saberes orientados para a redefinição de competências propiciadoras de um diálogo democrático, de carácter interinstitucional e de projeção social. A convergência que decorre destas asserções é possível se a escola se abrir a múltiplos espaços de ação criativa e, desse modo, promover o surgimento de projetos inovadores, favoráveis ao desenvolvimento das instituições envolvidas e dos seus estudantes, gerando novas e integradas formas de pedagogia e de responsabilidade coletiva, e garantindo aos cidadãos o desenvolvimento de um *continuum* social que possa promover metamorfoses que façam sentido na cultura contemporânea. Circunstância apenas possível através de uma nova compreensão do tempo e dos acontecimentos sociais, e da conseqüente alteração das perspetivas e práticas curriculares mais tradicionalistas, no quadro específico da ligação entre o desenvolvimento das competências de cidadania e o papel que uma visão cultural e integradora da educação e da formação podem e devem assumir.

Neste quadro de extrema complexidade, elege-se a criatividade como valor universal e como paradigma orientado para a mudança, para a inovação e para o desenvolvimento de sistemas e soluções capazes de responder à ambicionada qualificação da vida dos seres humanos, pois, como afirma Saturnino de La Torre (2000), “(. . .) sin creatividad no es posible el progreso” (p. 21). Nesta conjunção, a arte merece referência nas suas diferentes variantes, dada a sua propensão não só para o contacto com realidades e contextos indutores da reflexão, da contemplação e da fruição, mas também para a antecipação de um futuro que tem na sociedade o seu principal horizonte.

O fazer artístico marca e diferencia a vida e a singularidade do indivíduo, proporcionando-lhe uma visão renovada e humanizada do mundo, e, sobretudo, potenciando novas formas de interação e compreensão do quotidiano social, sustentadas num pensamento divergente, capaz de novas formas de aprendizagem e de relação intersubjetiva, implementadoras do desenvolvimento de compe-

tências distanciadas de posições convencionais ou dogmáticas como condição propícia e essencial à produção criativa.

Convicções que sustentam a ideia de que a participação formativa dos indivíduos em contextos culturalmente diversificados pode contribuir para a regeneração das suas próprias concepções, consolidando o seu espólio cultural e contribuindo para que outros se sintam identificados com as dimensões inovadoras e criativas da formação, dimensões fundamentais aos processos de construção da personalidade integral do indivíduo e das comunidades críticas em que se inserem. Fundados nestes pressupostos e certos da importância transversal que o processo criativo vem assumindo nas diferentes áreas do saber e do fazer, merece alusão Edgar Morin (2003), quando refere:

A imaginação, a iluminação, a criação, sem as quais o progresso das ciências não teria sido possível, só entravam na ciência às escondidas: não eram logicamente assinaláveis e eram sempre epistemologicamente condenáveis. Falava-se delas nas biografias dos grandes sábios, nunca nos manuais e tratados, de que, no entanto, a sombria compilação, como as camadas subterrâneas do carvão, era constituída pela fossilização e pela compreensão do que, em primeiro lugar, tinham sido fantasias, hipóteses, proliferação de ideias, invenções, descobertas (p. 81).

Entendimento e testemunho que nos remetem para a história e para a demonstração de que o mundo descobriu há muito a capacidade reciclável de se renovar, o que vem contribuindo para que homem deixe de se deslumbrar com a possibilidade de processar descobertas estruturalmente importantes – por isso se diz que tudo já foi inventado, sendo, contudo, indiscutível que a superação de cenários de crise a que as instituições e as sociedades vêm sendo sujeitas ao longo da história apenas tem sido possível através da mobilização de uma inventiva ética capaz de gerar equilíbrios no presente e para o futuro.

É na senda desta capacidade recursiva do homem de reinventar o mundo que o conhecimento se vem renovando a partir da dialética interdisciplinar, cujas complementaridades vêm estabelecendo lógicas formativas capazes da descoberta de pontos de interesse comuns a partir da estrutura interna de cada disciplina, processo do qual vêm resultando novas afinidades nunca antes previstas ou sequer imaginadas. É um fenómeno de emergência criativa, cujo processo de

aquisição e uso de competências potencia a interpretação de códigos que povoam o nosso universo coletivo e os converte em mensagens com significado, ou seja, com elevado potencial de compreensão e partilha.

Deste ponto de vista, o criativo é um agente cultural que, na sua praxis, mobiliza saberes e veicula realidades que, pela sua alternância, conferem novos significados às pré-existências e ao próprio conhecimento – esta atitude do criativo corresponde a um modo próprio de articular as dimensões teórica e prática, elegendo fatores de adaptabilidade, flexibilidade e experimentação, a partir de diferentes modos de pensar essa relação entre teoria e prática no âmbito dos múltiplos tipos e fontes de conhecimento.

O pensamento anterior remete para a inovação nas diferentes categorias do saber, situadas nas diferentes áreas científica, técnica e artística, com particular acuidade para as tecnologias e redes digitais, as quais implicam novas formas de operar em comunidades pluridisciplinares, nacionais e internacionais – circunstância que vem exigindo novos modelos cooptados de interação e formação individual e coletiva.

Assim, qualquer que seja o nível de formação que consideremos, o desenho curricular não deve ser concebido nem interpretado como um conjunto de orientações rígidas e prescritivas a serem concretizadas de maneira uniforme, mas sim, e mais do que nunca, como um sistema ajustável à diversidade das realidades e dos seus atores. O currículo deverá, naturalmente, contemplar objetivos estruturantes da aprendizagem, o que inclui as principais competências a desenvolver e os diferentes tipos de experiências formativas, mas deve também ser concebido de acordo com o princípio de que a sua concretização é um processo flexível que requer, nos diversos níveis, a interpretação e a perceção dos recursos disponíveis e das tomadas de decisão a implementar em função do tempo e das circunstâncias cada vez mais fluidas.

Quando, em 1996, a União Europeia proclamou esse mesmo ano como Ano Europeu da Educação e Formação ao Longo da Vida, colocou no centro do debate a importância da educação nos processos de transformação social e inaugurou o conceito de formação numa perspetiva de continuidade temporal. Ideia que vem sendo sobejamente discutida e implementada nas últimas décadas em toda a Europa, a qual questionou a organização dos ciclos de formação circunscritos às diferentes fases da vida dos indivíduos, designadamente, um período ori-

entado para a formação e outro para o exercício da profissão baseado nos saberes adquiridos – fórmula que gradualmente se revelou inviável face à exigência de novo conhecimento e de novas práticas. Facto que colocou em causa a validade definitiva do conhecimento e das competências circunscritas à formação inicial e exigiu a renovação dos saberes teóricos e práticos para fazer face às incertezas do presente e do futuro – abrindo-se assim uma nova frente de abordagem à problemática da formação que “[.] implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (Nóvoa, 1992, p. 25).

Numa perspetiva complementar, e considerando a exigência de que se reveste então a formação atual, merecem particular atenção os processos de gestão e de supervisão de experiências diversificadas em multicontexto, devendo exigir-se o apoio de profissionais qualificados no desenvolvimento de projetos internos e externos às instituições, salvaguardando-se desse modo a qualidade do seu papel formativo e a ativação dos processos de construção de conhecimento e desenvolvimento humanos.

Esta nova visão da formação tem subjacentes os princípios de inacabamento e de continuidade propostos por Idália Sá-Chaves, que assumem particular importância na acção dos diferentes profissionais – pois, conforme a autora,

“(.) a dialéctica entre o sujeito em formação e os contextos em permanente evolução evidenciam não apenas a extrema complexidade dos processos formativos como, sobretudo, a total incerteza, instabilidade e conseqüente imprevisibilidade das condições futuras do exercício profissional e, conseqüentemente, a radical impossibilidade de encontrar na formação soluções de tipo standard para ecologias diferenciadas e frequentemente singulares, pela teia de factores que, na sua extrema variabilidade, fazem de cada situação um caso único”(2000, p. 96).

De acordo com a mesma autora, vivemos um tempo no qual a qualidade se deve jogar na conjunção solidária das qualidades múltiplas e diversas, para que os objetivos comuns se cumpram sem deixar nas margens os que, pela diferença, se arriscam no universo da desigualdade e da desistência. Na tentativa de que tal não aconteça, é imperiosa uma formação cuja natureza não se reduza ao carácter instrumental e tecnicista, mas articule de forma integrada conhecimentos,

capacidades e atitudes. Perspetiva que, não excluindo o desempenho observável da ação humana, se apresenta, no entanto, muito mais abrangente, já que não considera apenas o que o indivíduo faz, mas também aquilo que ele é na ação profissional, ou seja, a sua forma pessoal de fazer e de ser.

Neste quadro, o profissional competente será aquele que, possuindo um vasto e diversificado reportório de saberes e competências, e que perante circunstâncias de dificuldade acrescida, avaliará de forma autónoma e executará mais facilmente decisões orientadas para soluções adequadas, socialmente legitimadas e abertas a novas formulações. A partilha e confluência desses saberes assume-se, assim, como um fator de valorização do espólio pessoal, podendo modificar conceções, atitudes e desempenhos e constituir um contributo para que possam ocorrer mudanças na arena em que a sociedade se move e na qual continuamente se reelabora. É um desejo que acentua a ideia de que ser profissional não remete para ou se circunscreve a um estágio de privilégio ou predestinação sobrenatural, mas a um estatuto ético e socialmente responsabilizante, dada a sua intervenção e exposição no plano do (con)domínio público.

Os fundamentos e as perspetivas enunciadas obrigam a que se considerem as preocupações éticas, estéticas e cívicas como indução a um roteiro de inquietações latentes nas sociedades atuais, cabendo à escola e aos seus aprendentes (entre os quais se incluem os seus próprios mestres) ampliar e aprofundar o seu quadro de competências, centrado na (re)construção e na renovação do presente.

Será a partir desta possibilidade diversa que as instituições académicas, situadas na periferia de múltiplas influências, deverão apresentar contributos válidos para a formação de novos criativos, tendo por condicionante ou vantagem a possibilidade de isto poder acontecer em sítios e realidades culturais diferenciadas – facto que nos permite apresentar, como caso concreto, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Arte e Design: desenho de um curso

Da emergência transformadora das sociedades contemporâneas vêm decorrendo implicações diversas para o Ensino Superior, nomeadamente, a necessidade de atualização da oferta formativa nos campos artístico, científico e tecnológico, por forma a possibilitar aos estudantes a adaptação a realidades que, sendo novas, exigem o desenvolvimento de competências essenciais a um mercado de

trabalho cujas condições residem tendencialmente na instabilidade e na incerteza (European Higher Education Area, 2009).

A licenciatura em Arte e Design da Escola Superior de Educação de Coimbra foi criada em 2008 e apresenta uma estrutura curricular cujo perfil pretende conciliar a aquisição de saberes e competências através de uma formação geral em diferentes domínios da arte e do design. O saber e o saber-fazer resultam de uma abordagem teórica e prática atualizada, capaz de responder às variabilidades atuais nos campos da arte e da tecnologia, por sua vez apoiada em práticas multidisciplinares orientadas para a criação e para a inovação – desígnio que pretende articular as formações básica e específica com competências exigidas ao exercício profissional nas áreas da arte e do design. A natureza do curso é indutora de opções didático-pedagógicas orientadas para a implementação de estratégias de iniciativa pedagógica e de modelos de atuação diferenciados, o que exige a inclusão de espaços de trabalho, individual e colectivo, orientado para a crítica, para a reflexão e para a experimentação, em diferentes níveis de complexidade. Neste sentido, são promovidas dinâmicas de aprendizagem ativa, prática e especulativa como preparação de cada aluno para a imprevisibilidade que lhe é colocada em contexto académico e, mais tarde, na sua práxis profissional.

A estratégia enunciada tem vindo a permitir a construção de um conhecimento interdisciplinar centrado na arte e no design, do qual perpassa a adoção de novas linguagens e perspetivas de diálogo contemporâneo – o que tem favorecido o aprofundamento conceptual e a integração de novas formas de interação e de aquisição de saberes profissionalizantes, a partir de processos de inovação e criação aplicados a contextos físicos, sociais e culturais diferenciados. Pressupostos que assumem componentes essenciais dos Descritores Dublin (2000), designadamente, a capacidade de compreensão e a aplicação de conhecimentos fundamentais ao exercício profissional, no qual se inscrevem a resolução de problemas e a comunicação de ideias e soluções em processo de reelaboração e partilha com interlocutores em contextos e tempos disseminados ao longo da vida.

Em síntese, trata-se de um curso superior que assume uma abordagem integradora em Arte + Design e uma formação centrada em três conceitos fundamentais: *Multidisciplinaridade, Integração e Transversalidade* – trilogia que tem propiciado o desenvolvimento de projetos e parcerias interinstitucionais concomitantes com as áreas de formação do curso, as quais se têm revelado importan-

tes no desenvolvimento de novas soluções em áreas do cotidiano social, factos que vêm conferindo visibilidade ao Curso e prestigiando a Instituição de formação. No quadro das dinâmicas referenciadas merecem destaque os projetos e as parcerias interinstitucionais, bem como a produção de conhecimento levado a cabo em diferentes centros de investigação pelos docentes do ciclo de estudos – sendo ainda de referir as iniciativas convergentes com as áreas de formação do curso, em fóruns de encontro e discussão, nos quais se inscreve o evento anual de Seminário de Arte e Design.

Seminário de Arte e Design – arquitetura do evento

A evolução da sociedade atual e a premência das mudanças que se operam na arena pública colocam o Ensino Superior perante a necessidade de atualização e disseminação permanente de um conjunto de conhecimentos artísticos, científicos e tecnológicos que capacitem os estudantes para a adaptação a novas realidades e competências, fundamentais à sua ação num mercado de trabalho tendencialmente imprevisível (European Higher Education Area, 2009). A escola e a arte colocam os professores perante a difícil tarefa de formar no quadro das ambiguidades contemporâneas – facto que, associado ao abandono da ideia de academia, impele a que “(.) uma escola de arte deva ser um lugar aberto à experimentação, à procura do saber e do conhecimento, aberto ao imaginário dos criadores (.)” (Ferreira, 2007, p. 49). Imperativo que exige o recurso aos mais diversos canais de comunicação científica, no sentido de se viabilizarem a identificação e a consolidação do património formativo adquirido, bem como o acesso a novas “visões” e à sua disseminação.

Desta dinâmica, emergem eventos científicos que se vêm afirmando como espaços de pesquisa e discussão nas mais diversas áreas e como pontes entre o ensino e o desenvolvimento social e cultural – apresentando-se ainda como meios de transferência, avaliação e validação da informação científica, artística e tecnológica. O seu formato é diversificado – conferências, seminários, mesas-redondas, encontros, etc., numa lógica de flexibilidades múltiplas, decorrente dos ritmos e culturas institucionais. Contudo, embora cada acontecimento apresente características singulares, existem objetivos transversais às diferentes tipologias, nomeadamente, a definição do estado da arte de áreas específicas do conhecimento, a criação de oportunidades para a troca de experiências entre diferentes interlocutores, a atualização e/ou sistematização de resultados mais

recentes numa área do saber e a sua divulgação, ou ainda, a antecipação prospectiva do futuro a partir de linhas que se fundam na contemporaneidade.

Protagonizados por especialistas, professores, estudantes e profissionais interessados em partilhar e obter conhecimento sobre determinadas áreas do saber, estes eventos constituem-se como espaços de reflexão e formação atualizada, já que o processo de comunicação e de transmissão direta de ideias se sobrepõe ao tempo diferido dos meios tradicionais de comunicação – como aliás defende Campello (2000), ao acrescentar ainda a relevância da apresentação oral e do debate de ideias, dos quais podem resultar críticas e sugestões que retroalimentem e promovam um maior envolvimento dos participantes.

Nesta linha, e ancorando-se numa perspetiva humanista que enfatiza uma formação integral do ser humano baseada nos pressupostos gerais acima mencionados, foi desenhado o Seminário de Arte e Design 2016, cujos princípios norteadores visaram desenvolver, debater e aprofundar questões centradas no binómio Arte+Design, tendo em devida ponderação a dimensão pedagógica, a investigação e a empregabilidade – contextualizando-se estes três tópicos em torno de diferentes realidades e contextos, de acordo com os seguintes objetivos: (i) Contextualização, abordagem e discussão sobre áreas de interesse em domínios da Arte e do Design, (ii) Reflexão conjunta sobre a ação profissional nestas áreas, (iii) Troca de experiências e saberes decorrentes do conhecimento e cultura dos participantes, como forma de preparação dos estudantes para a sua futura ação profissional.

Este Seminário configurou-se ainda como espaço privilegiado de confluência e partilha intencional de processos de investigação e de intervenção artística, num quadro diverso de temas sintetizados nos seguintes tópicos conceptuais: (i) O Processo de Criação: da Concetualização à Produção e Execução Artística, (ii) Artes, Educação e Comunidade: projetos e experiências de Arte e de Design socialmente comprometidos em contextos de educação formal e não formal, (iii) Práticas Transdisciplinares: dinâmicas que cruzam fronteiras permeáveis de disciplinas artísticas que, fora do espartilho disciplinar, se ocupam do conhecimento centrado na criatividade, no empreendedorismo, na identidade ou ainda na gestão da carreira profissional.

Concomitantemente, e no âmbito da competência profissional, foram abordadas a formação artística, as relações arte-artista-sociedade, a relação entre arte e o público e ainda a transição académica para a vida ativa – enquanto antecipação

de uma visão da realidade profissional. Para tal, foram convidados investigadores, académicos e profissionais das áreas da arte, do design e da arquitectura, tendo alicerçado a sua apresentação em referentes teóricos que articularam com a sua experiência profissional (Cochran-Smith & Lytle, 1999, Esteves & Rodrigues, 2003) e que, se, por um lado, viabilizaram uma análise crítica fundamentada dos diferentes âmbitos de abordagem, por outro, contribuíram ativamente para a dinamização e ampliação de uma rede sinérgica resultante da divulgação de estudos e da troca de experiências que propiciaram uma atitude dialógica e reflexiva entre o público e os palestrantes – sendo esta “uma das funções dos cientistas, a de possibilitar um amplo debate em torno das suas ideias, descobertas, teorias e proposições em geral” (Carmo, Prado, 2005, p.131).

Deste espaço de partilha e de disponibilidade para a troca de ideias, numa atitude de abertura aos outros, emergiu a “(.) cooperação, o auxílio mútuo e a socialização de experiências que levam à (re)construção de um novo conhecimento, enriquecido pelo carácter de coletividade e de participação” (Grillo, 2000, p.79), tendo ficado ainda a certeza de que a formação constitui um horizonte que, conforme De Masi (2008), se desvenda e nos surpreende a cada passo.

Nota final

A integração e o aprofundamento de saberes e competências subjacentes a diferentes âmbitos formativos e profissionalizantes, de acordo com opções metodológicas alternativas que privilegiam a reflexão crítica suscitada por ideias, contextos e práticas, é essencial no quadro da criação e da inovação em arte e design. De acordo com a perspectiva transversal emanada da opinião dos estudantes, a formação decorrente deste tipo de experiências académicas proporciona a abertura a um universo de leituras suscetível de promover níveis de flexibilidade cognitiva centrados em novos modos de pensar e agir, nos quais se inscrevem capacidades e atitudes capazes de reconfigurar conceções e proporcionar novas formas de interação pessoal, responsabilidade profissional e compreensão do quotidiano social. Reconhecimento centrado na predisposição para formas de aprendizagem renovadas, orientadas para a sensibilidade crítica e criativa, na linha de preferência das atuais entidades empregadoras, as quais vêm estabelecendo como grande valia a opção por metodologias não-*standard*, propiciadoras do desenho de soluções alternativas, confrontadas que estão com a premência de gerar inovação como resposta à reiterada vontade de mudança. Como tal, é

absolutamente recomendável que as dimensões da formação correspondam a um efetivo investimento na construção integral do indivíduo, conciliando os aspetos formativos com o seu desejo de futuro profissional nas áreas científica, técnica e artística, condição de privilégio que permitirá aos diferentes intervenientes estabelecer diálogos que redundem em aprendizagens mútuas, suscitadas pela partilha de diferentes formas de ensinar e de aprender, num mundo em que a aquisição de literacias múltiplas constituirá um processo sempre inacabado.

Bibliografia

- Campello, B. (2000). Encontros científicos. In B. S. Campello, B. V. Cendón, J. M. Kremer (Org). *Fontes de informação para pesquisadores e profissionais* (pp. 55-73). Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Carmo, J., Prado, P. (2005). Apresentação de trabalhos em eventos científicos: comunicação oral e painéis. In *Interação*, 9, pp. 131-142.
- Cochran-Smith, M. & Lytle, S. (1999). The Teacher Research Movement: A Decade Later. In *Educational Researcher*, 28, 7, pp. 15-25.
- De Masi, D. (2008). *Diálogos criativos*. Rio de Janeiro: Sextante.
- DGES – Direcção Geral do Ensino Superior. Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. (2000). *Descritores Dublin*. Disponível em: <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Objectivos/Descritores+Dublin/>
- Esteves, M., & Rodrigues, A. (2003). Tornar-se professor: estudos portugueses recentes. In *Investigar em Educação*, 2, 15-68.
- European Higher Education Area (2009). *Communiqué of the Conference of European Ministers Responsible for Higher Education* – Leuven and Louvain-la-Neuve. Disponível em: http://www.ehea.info/Uploads/Declarations/Leuven_Louvain-la-Neuve_Communicu%C3%A9_April_2009.pdf
- Ferreira, A. (2007). *Pensar a Arte, Pensar a Escola*. Porto: Edições Afrontamento.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra – Coleção Leitura.
- Grillo, M. (2000). O lugar da reflexão na construção do conhecimento profissional. In M.

Morosini (Org.) *Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação* (pp.75-80). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

Morin, E. (2003). *Introdução ao pensamento complexo*, 4.^a ed.. Lisboa: Ed. Instituto Piaget – Coleção Epistemologia e Sociedade.

Morosini (Org) (2000). *Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In A. Nóvoa (Coord.) *Os professores e a sua formação* (pp. 5-33). Lisboa: Edições D. Quixote.

Patrocínio, J. (2002). *Tecnologia, educação e cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Sá-Chaves, I. (2000). *Formação, conhecimento e supervisão: contributos nas áreas de formação de professores e outros profissionais*. Aveiro: Universidade de Aveiro.